

## A IDEIA NA QUESTÃO 3 DO *DE VERITATE* DE TOMÁS DE AQUINO<sup>1</sup>

*Bernardo Veiga de Oliveira Alves*<sup>2</sup>

Resumo: Neste artigo investiga-se a natureza da ideia na questão 3 do *De Veritate* e se estuda de que modo cada artigo dessa questão desenvolve o tema e contribui para o pensamento metafísico de Tomás de Aquino.

*Palavras-chave:* Aquinate; Metafísica; Ideia.

Abstract: This paper investigates the nature of the idea in question 3 from *De Veritate* and analyses how each article of the referred question develops the subject and contributes to the metaphysical thinking of Thomas Aquinas.

*Keywords:* Aquinas; Metaphysics; Idea.

### INTRODUÇÃO

Busca-se aqui compreender a visão de Tomás sobre a ideia a partir da leitura da questão 3 do *De veritate*. O principal objetivo é compreender que a noção de ideia apresentada nessa obra, ainda que seja sobre a ideia em Deus, possui temas estritamente filosóficos, no âmbito da teologia natural, como núcleo da metafísica tomasiana e também como base para a compreensão da própria ideia na mente humana. Assim, iremos investigar cada artigo, mostrando de que modo cada um pode contribuir para o aprofundamento da noção de ideia.

#### *De Ideis (De Veritate – quaestio 3)*

Para investigar cada um dos artigos da questão 3 do *De Veritate* e para mostrar a pluralidade dos temas tratados, de ordem geral metafísica e especialmente de teologia natural, iremos expor principalmente os argumentos contrários à visão de Tomás e, em seguida, a resposta ao artigo. No total são oito perguntas, que podem ser divididas em duas partes. As três primeiras implicam a existência e as propriedades gerais da ideia em Deus. A segunda parte trata das suas qualidades restritas que, a princípio, parecem ser mais convenientes às criaturas, que não poderiam existir na mente divina.

---

<sup>1</sup> Sobre as referências das obras de Tomás de Aquino: se a obra for citada no original latino, ela será extraída do site: <http://www.corpusthomicum.org>. Se já houver uma tradução para o português, será utilizada a bibliografia indicada ao final, caso contrário, será nossa.

<sup>2</sup> Pós-doutorando em direito pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP), com bolsa CAPES (PNPD) e doutor em filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

No primeiro artigo<sup>3</sup>, Tomás analisa a existência das ideias em Deus. Os argumentos iniciais contrários focam na natureza perfeita do conhecimento divino e no seu aspecto universal, supostamente não vinculados aos particulares das suas respectivas ideias. No corpo do artigo, porém, ele mostra que elas existem sim em Deus, caso contrário, a ação divina teria uma motivação distinta de si mesmo, pois a ideia de algo que não esteja em Deus suporia que a sua ação fosse motivada por ela e não pelo próprio Deus, o que seria contraditório com a perfeição divina<sup>4</sup>.

No segundo<sup>5</sup>, analisa-se a pluralidade das ideias em Deus. Os argumentos contrários destacam que não é possível haver pluralidade de ideias n'Ele, principalmente por suposta incompatibilidade da unidade e simplicidade da essência divina com tal pluralidade. No corpo do artigo, Tomás concede em parte os argumentos contrários, pois diz que não há propriamente pluralidade das ideias em Deus em função da unidade da sua essência, e há uma pluralidade nas coisas pela diversidade da proporção das criaturas com Deus<sup>6</sup>. Porém, toda a pluralidade das ideias possui sua fonte na essência divina, pois é por meio dela que Deus produz todas as coisas. Nesse sentido, a sua essência é a ideia das coisas, não porém, enquanto é a essência da própria coisa, mas enquanto a coisa é inteligida, de modo que a coisa criada não imita perfeitamente a essência divina, mas na proporção da produção da criatura<sup>7</sup>.

No terceiro, investiga se as ideias pertencem ao conhecimento especulativo ou apenas ao prático<sup>8</sup>. Nos argumentos contrários, Tomás expõe que as ideias pertenceriam apenas ao conhecimento prático, destacando, em alguns argumentos, que as ideias estão vinculadas ao bem e ao fim da

---

<sup>3</sup> Tomás também trata desse tema nos seguintes lugares: *Super Sent.* I, d. 36, q. 2, a. 1; *Super Dion. De div. nom.*, cap. 5, l. 3; *Sum. Th.* I, q. 15, a. 1 et q. 44, a. 3; *Super Metaph.* I, l. 15.

<sup>4</sup> “Sed quia forma exemplaris vel idea habet quodammodo rationem finis, et ab ea accipit artifex formam qua agit si sit extra ipsum; non est autem conveniens ponere Deum agere propter finem alium a se, et accipere aliunde, unde sit sufficiens ad agendum; ideo non possumus ponere ideas esse extra Deum, sed in mente divina tantum.” (*De Ver.*, q.3, a.1, co.)

<sup>5</sup> Tomás também trata desse tema nos seguintes lugares: *Super Sent.* I, d. 36, q. 2, a. 2 et III, d. 14, a. 2, qc. 2; *Cont. Gent.* I, cap. 54; *De pot.*, q. 3, a. 16, ad 12, 13 et 14; *Sum. Th.* I, q. 15, a. 2 et q. 44, a. 3; *ibid.* q. 47, a. 1, ad 2; *Quodl.* IV, q. 1.

<sup>6</sup> “pluralitas invenitur ex parte diversarum proportionum creaturarum ad ipsam.” (*De Ver.*, q.3, a.2, co.)

<sup>7</sup> “Dico ergo, quod Deus per intellectum omnia operans, omnia ad similitudinem essentiae suae producit; unde essentia sua est idea rerum; non quidem ut est essentia, sed ut est intellecta. Res autem creatae non perfecte imitantur divinam essentiam; unde essentia non accipitur absolute ab intellectu divino ut idea rerum, sed cum proportione creaturae fiendae ad ipsam divinam essentiam, secundum quod deficit ab ea, vel imitatur ipsam.” (*De Ver.*, q.3, a.2, co.)

<sup>8</sup> Tomás também trata desse tema nos seguintes lugares: *Super Sent.* I, d. 36, q. 2, a. 3; *De pot.*, q. 1, a. 5, ad 10 et 11; *ibid.* q. 3, a. 1, ad 13; *Super Dion. De div. nom.*, cap. 5, l. 3; *Sum. Th.* I, q. 15, a. 3.

realização das ações. No corpo do artigo, ele distingue o termo ideia em dois sentidos. No primeiro, o termo se estenderia até o conhecimento segundo o qual algo pode ser formado; o que é o conhecimento apenas em virtude, que é próprio do conhecimento especulativo. No segundo sentido, ideia pode ser tomada como relativa ao conhecimento do ato prático; e assim ela será tanto prática como especulativa<sup>9</sup>, enquanto motivação a ela como certo fim.

No quarto<sup>10</sup>, a questão se volta mais para a natureza específica das ideias em Deus, especificamente se n'Ele há ideia de mal. Os argumentos contrários defendem que sim, enfatizando que Deus conhece todas as coisas, inclusive o mal, ou enquanto o mal possui certa relação de privação com o bem, ou mesmo quando o mal tem razão de bem, como o mal de pena. Na solução do artigo, o Aquinate diz que nada há em Deus que possa ser princípio do mal, em qualquer sentido que se tome a noção de ideia, porque o mal se diz, segundo o que toma de Agostinho, por isso mesmo que não tem forma. Porém, a similitude da forma é considerada segundo a forma participada, mas o mal não tem similitude em Deus, pois o mal se compreende enquanto se afasta da participação da divindade<sup>11</sup>.

No quinto<sup>12</sup>, após considerar a possível participação do mal, enquanto ideia em Deus, considera outro aspecto, que supostamente seria mais próprio das criaturas e não poderia estar em Deus, se a matéria prima tem ideia em Deus. Os argumentos contrários defendem que não, sustentam que a matéria prima não teria forma, que seria mera potência, que não haveria qualquer tipo de potencialidade em Deus. Contudo, no corpo do artigo, Tomás diz que, se a matéria é causada por Deus, é necessário que de algum modo a sua ideia esteja n'Ele<sup>13</sup>, enquanto se toma em sentido abrangente. Mas se se toma a ideia de matéria prima propriamente, não se pode dizer que ela exista em Deus, por

---

<sup>9</sup> “Si ergo loquamur de idea secundum propriam nominis rationem, sic non se extendit nisi ad illam scientiam secundum quam aliquid formari potest; et haec est cognitio actu practica, vel virtute tantum, quae etiam quodammodo speculativa est. Sed tamen si ideam communiter appellemus similitudinem vel rationem, sic idea etiam ad speculativam cognitionem pure pertinere potest. Vel magis proprie dicamus, quod idea respicit cognitionem practicam actu vel virtute; similitudo autem et ratio tam practicam quam speculativam.” (*De Ver.*, q.3, a.3, co.)

<sup>10</sup> Tomás também trata desse tema nos seguintes lugares: *Super Sent.* I, d. 36, q. 2, a. 3, ad 1; *Sum. Th.* I, q. 15, a. 3, ad 1.

<sup>11</sup> “Secundum Augustinum, malum dicitur ex hoc ipso quod non habet formam. Unde, cum similitudo attendatur secundum formam aliquo modo participatam, non potest esse quod malum similitudinem aliquam in Deo habeat, cum aliquid dicatur malum ex hoc ipso quod a participatione divinitatis recedit.” (*De Ver.*, q.3, a.4, co.)

<sup>12</sup> Tomás também trata desse tema nos seguintes lugares: *Super Sent.* I, d. 36, q. 2, a. 3, ad 2; *De pot.*, q. 3, a. 1, ad 13; *Sum. Th.* I, q. 15, a. 3, ad 3.

<sup>13</sup> “Nos autem ponimus materiam esse causatam a Deo; unde necesse est ponere quod aliquo modo sit eius idea in Deo”. (*De Ver.*, q.3, a.5, co.)

não ter a ideia da sua forma, mas apenas do composto, que implica tanto a sua forma quanto a sua matéria<sup>14</sup>.

No sexto<sup>15</sup>, pergunta-se se haveria em Deus a ideia das coisas que nunca existiram, nem existem, nem viriam a existir. Os argumentos contrários dizem que não, porque não haveria algo determinado com o qual essas ideias teriam uma relação, e que a ideia se ordena à produção da coisa, e como essa coisa nunca viria a existir, seria vão que existisse uma ideia sem certa eficácia e existência para algo. No corpo do artigo, Tomás diz que Deus tem o conhecimento em virtude (*virtualiter*) das coisas, mesmo que elas nunca venham a existir na prática. Mas esse conhecimento em virtude se dá de dois modos. De um modo, enquanto vinculado a um propósito da vontade divina; assim são determinadas a algo. Porém, há outro modo, enquanto não possuem determinação específica, porque não houve, há, nem haverá existência na realidade.<sup>16</sup> Assim, desta forma, por mais que não tenham um ser determinado para algo, estão de modo determinado – ao menos em virtude – no conhecimento de Deus<sup>17</sup>.

No sétimo<sup>18</sup>, o Aquinate, investiga outro aspecto que é próprio das criaturas, se os acidentes têm ideia em Deus. Nos argumentos contrários, diz que não, principalmente porque os acidentes não possuem uma existência própria, diferente das substâncias, de modo que as ideias seriam apenas das substâncias e não dos seus acidentes, assim não existiriam ideias de acidentes, muito menos delas em Deus. Na resposta do artigo, Tomás diz que depende do modo da consideração das ideias. Se se toma ideia no sentido amplo, por similitude ou razão, os acidentes têm ideia distinta em Deus, porque podem ser considerados distintamente, pois pela razão do conhecer, tanto eles quanto as substâncias têm ideias. Porém, do ponto de vista da geração e do ser, as ideias são próprias da substância.<sup>19</sup> Dessa forma, ele concorda em parte com os argumentos contrários.

<sup>14</sup> “Unde proprie idea non respondet materiae tantum, neque formae tantum ; sed toti composito respondet una idea, quae est factiva totius et quantum ad formam et quantum ad materiam” (*De Ver.*, q.3, a.5, co.)

<sup>15</sup> Tomás também trata desse tema nos seguintes lugares: *Supra* q. 2, a. 8, ad 3; *Sum. Th.* I, q. 15, a. 3, ad 2.

<sup>16</sup> “Unde, cum Deus de his quae facere potest, quamvis nunquam sint facta nec futura, habeat cognitionem virtualiter practicam, relinquatur quod idea possit esse eius quod nec est, nec fuit, nec erit ; non tamen eodem modo sicut est eorum quae sunt, vel erunt, vel fuerunt ; quia ad ea quae sunt, vel erunt, vel fuerunt, producenda, determinatur ex proposito divinae voluntatis, non autem ad ea quae nec sunt, nec erunt, nec fuerunt ; et sic huiusmodi habent quodammodo indeterminatas ideas.” (*De Ver.*, q.3, a.6, co.)

<sup>17</sup> “Quamvis quod nec est, nec fuit, nec erit, non habeat esse determinatum in se, est tamen determinate in Dei cognitione.” (*De Ver.*, q.3, a.6, sol.1)

<sup>18</sup> Tomás também trata desse tema nos seguintes lugares: *Super Sent.* I, d. 36, q. 2, a. 3, ad 4; *Sum. Th.* I, q. 15, a. 3, ad 4.

<sup>19</sup> “Sed si large accipiamus ideam pro similitudine vel ratione, sic utraque accidentia habent ideam distinctam in Deo, quia per se distincte considerari possunt ; unde et philosophus dicit in I Metaphysic., quod quantum ad rationem sciendi, accidentia debent habere ideam

No oitavo<sup>20</sup>, por fim, o Aquinate investiga se as coisas singulares têm ideia em Deus. Nos argumentos contrários, diz que não, principalmente porque os singulares implicariam a multiplicidade e a potência, que, de alguma forma, seriam contrárias à essência divina. No corpo do artigo, Tomás diz que as coisas singulares estão em Deus e toma como evidência o governo da providência divina que atingiria todos os particulares<sup>21</sup>. Esse trato divino especial implica que as coisas partiriam dele e nele haveria as ideias de cada coisa na singularidade da sua essência.

Apesar de toda a questão 3 trabalhar a ideia em Deus, conforme uma teologia natural, como foi visto, ela é marcada por elementos de natureza metafísica e de teoria do conhecimento. Nos três primeiros artigos, Tomás trata da existência da ideia e do modo como ela se dá em Deus. Além disso, do ponto de vista da noção propriamente de ideia, o Aquinate apresenta, na solução do primeiro artigo, sua teoria da intenção do agente, de modo que, em certo sentido, a ideia implica certo conhecimento para uma determinada ação. No final do corpo do segundo artigo, encontramos a teoria da proporção e analogia entre as criaturas e Deus, que se revela no modo como as ideias estão em Deus e na forma das coisas. No terceiro artigo, Tomás trata da natureza do conhecimento especulativo, que tem como fim o conhecimento da ideia absolutamente, e o conhecimento prático que a tem como fim de uma ação determinada.

Nos cinco últimos artigos, o Aquinate investiga se certas ideias, no mínimo em parte opostas à perfeição divina, estão em Deus. No artigo quarto, Toma como pressuposto do *De Natura Boni* de Agostinho e expressa a sua noção de mal em oposição ao bem; e só por essa oposição Deus pode conhecê-lo com relação a determinado bem que se lhe opõe<sup>22</sup>. No quinto, especifica algumas características da matéria e dialoga com Platão; defende que só pode haver uma ideia de algo que seja composto da matéria e forma, pois a ideia corresponde a essa dualidade do composto. No sexto, o Aquinate mostra de que modo algo pode existir virtualmente sem que haja uma determinação direta com algo. No sétimo, trata da noção de acidente e dialoga principalmente com Aristóteles – faz quatro referências diretas ao livro da *Metafísica*; mostra a dependência e inferioridade do acidente em relação à substância. Por último, no oitavo, expõe, no corpo do artigo, a visão platônica

---

sicut et substantiae ; sed quantum ad alia, propter quae Plato ponebat ideas, ut scilicet essent causae generationis et essendi, ideae videntur esse substantiarum tantum.” (*De Ver.*, q.3, a.7, co.)

<sup>20</sup> Tomás também trata desse tema nos seguintes lugares: *Super Sent.* I, d. 36, q. 2, a. 3, ad 3; *Sum. Th.* I, q. 15, a. 3, ad 4.

<sup>21</sup> “Nos autem ponimus Deum causam esse singularis et quantum ad formam et quantum ad materiam. Ponimus etiam, quod per divinam providentiam definiuntur omnia singularia; et ideo oportet nos etiam singularium ponere ideas.” (*De Ver.*, q.3, a.8, co.)

<sup>22</sup> “Quod malum non habet ideam in Deo, a Deo cognoscitur per ideam boni opposite”. (*De Ver.*, q.3, a.4, sol.7).

dizendo que ele não defende a ideia dos singulares, mas apenas das espécies<sup>23</sup>, de maneira que a matéria é o princípio da singularidade. Assim, a ideia não corresponde ao singular enquanto singular, mas apenas por razão dessa espécie.

E do ponto de vista comparativa com a própria obra, a noção da ideia no *De Veritate* evidencia um Tomás menos preocupados com argumentos de autoridade da religião revelada. Dos oito artigos da questão três, há apenas três referências bíblicas<sup>24</sup> e há muitas referências diretas a Agostinho (17), Aristóteles (17) e a Pseudo-Dionísio (7). O tema é tratado com um suporte e aparato filosófico para a investigação de uma teologia natural. Dessa forma, nesta obra trata não apenas da natureza ou essência divina, mas de supostas propriedades da ideia e de temas clássicos na metafísica grega e medieval, como matéria, forma, substância, multiplicidade e singularidade. De fato, não os trata como fins em si mesmos, mas como instrumentos do todo da questão sobre as ideias em Deus, o que não impede de se extrair uma filosofia natural e metafísica desse texto.

## CONCLUSÃO

Dado o aspecto antropológico da noção de ideia, na questão 3, Tomás enfatiza a sua razão de coisa (*ratio rei*) no intelecto divino. Contudo, não se utiliza de qualquer dado da fé, apenas de uma teologia natural, como núcleo da metafísica.<sup>25</sup> Dessa forma, como a definição de ideia é a mesma, apenas se dá em intelectos distintos, tudo que se toma da natureza da ideia na teologia natural também possui um viés na antropologia filosófica, guardadas as distinções das peculiaridades das diferentes mentes.

No artigo 2, dessa terceira questão, por exemplo, ele utiliza exemplos gerais do artífice em relação à ideia, uma vez que há similitude entre a ideia projetada de um artífice e a produção da sua obra<sup>26</sup>. No mesmo artigo, na solução ao sétimo argumento contrário, diz que certas afirmações do argumento contrário também se aplicam ao intelecto humano, que se estende a coisas que, de algum modo, não são, como as que já passaram<sup>27</sup>. No terceiro

---

<sup>23</sup> “Plato non posuit ideas singularium, sed specierum tantum”

<sup>24</sup> No *De Ver.*, q.3, a.1, s.c. 7, q.3, a.2, 4 s.c, q.3, a.3, sol.1.

<sup>25</sup> “A teologia natural não é toda a filosofia, é apenas uma parte desta, ou, melhor ainda, o seu coroaamento.” (GILSON, 2001, p. 657)

<sup>26</sup> *Ver.* q.3, a.2, co.

<sup>27</sup> “Quia actio intellectus, etiam humani, se extendit ad aliquid etiam quando illud non est, sicut cum intelligimus praeterita.” (*De Ver.*, q.3, a.2, sol.7).

artigo, expõe que o intelecto humano tem conhecimento tanto das coisas operáveis por si e do modo pelo qual não são operáveis<sup>28</sup>.

Assim, a consideração das ideias em Deus toma como base analógica o conhecimento dela no humano, uma vez que todas as ideias em Deus estão nas criaturas como proporção às ideias sobre elas contidas n'Ele<sup>29</sup>, o próprio intelecto humano também se dá de modo proporcional ao intelecto divino. O estudo sobre a ideia em Tomás deve levar em consideração a própria proporcionalidade da natureza dos intelectos, de modo que uma teologia natural também evidencie e trabalhe com elementos da antropologia filosófica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### A. Obras de Tomás de Aquino

TOMÁS DE AQUINO. *Comentário à Metafísica de Aristóteles I-IV – Volume 1*. Tradução e edição de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. Campinas: Vide Editorial. 2016.

\_\_\_\_\_. *As criaturas Espirituais*. Tradução e edição Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. Rio de Janeiro: E-papers. 2012a.

\_\_\_\_\_. *Suma Teológica – Volume II*. Edição bilingue coordenado por Carlos-Josaphat Pinto de Oliveira São Paulo: Loyola. 2ªed., 2005a.

\_\_\_\_\_. *O ente e a essência*. Petrópolis: Vozes. 2ªed., 2005b.

\_\_\_\_\_. *Verdade de Conhecimento*. Martins Fontes: São Paulo. 2002a.

\_\_\_\_\_. *Suma Teológica – Volume I*. Edição bilingue coordenado por Carlos-Josaphat Pinto de Oliveira. São Paulo: Loyola. 2001.

\_\_\_\_\_. *Suma contra os gentios. Volume I e II*. Edição bilingue dirigida Rovílio Costa e Luís A. De Boni. Porto Alegre: EDIPUCRS e Edição EST. 1990 e 1996.

\_\_\_\_\_. *Quaestiones disputatae de veritate q. 1-7*. La Rochelle: Ed. Commissio Leonina 1970b.

Site que disponibiliza as obras completas de Tomás de Aquino no original latino: <http://www.corpusthomicum.org>

---

<sup>28</sup> “Et quia res quas facit vel facere potest, non solum considerat secundum quod sunt in proprio esse, sed secundum omnes etiam intentiones quas intellectus humanus resolvendo in eis apprehendere potest ; ideo habet cognitionem de rebus operabilibus a se etiam eo modo quo non sunt operabiles.” (*De Ver.*, q.3, a.3, co.)

<sup>29</sup> *De Ver.*, q. 3, a.2, co.

**B. Estudos gerais e sobre a ideia segundo Tomás de Aquino e outros autores**

COLAFATI, Natale. *L'actus essendi in San Tomaso d'Aquino*. Messina: Rubbettino Editore. 1992.

CONWAY, Pierre. *Metaphysics of Aquinas: A Summary of Aquinas's Exposition of Aristotle's Metaphysics*. Lanham: University Press of America. 1996.

GARDEIL, Henri-Dominique. *Iniciação à filosofia de São Tomás de Aquino: Introdução, Lógica e Cosmologia*. São Paulo: Paulus, 2013.

GILSON, Étienne. *A filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes. 2ªed., 2001.

GRABMANN, Martin. *La Somme Théologique de Saint Thomas D'Aquin: Introduction Historique et pratique*. Paris: Desclée de Brouwer et cie. 1930.

KENNY, Anthony. *Aquinas on Beings*. New York: Oxford University press. 2008.

\_\_\_\_\_. *Aquinas on Mind*. London: Routledge. 2006.

MONTAGNES, Bernard. *la doctrine de l'analogie de l'être d'après Saint Thomas d'Aquin*. Paris: Cerf. 2008.

TORREL, Jean-Pierre OP. *Santo Tomás de Aquino: Mestre espiritual*. São Paulo: 2ªed. 2008.

\_\_\_\_\_. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino: Sua pessoa e obra*. São Paulo: Loyola. 2ª ed. 2004.